

A ARQUEOLOGIA E A ETNOGRAFIA NOS BILHETES POSTAIS ¹

Este texto curto de Rocha Peixoto datará de 1908 e teria a Portugália como destino mais provável. Afinal, porque se extinguiu naquele ano aquela mitificada revista, mantiveram-se inéditas estas duas páginas até 1975. Então, apareceram publicadas no terceiro – e último – dos volumes avantajados das Obras do autor que a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim tinha começado a editar em 1967 por proposta e iniciativa decidida de Flávio Gonçalves. Foi este historiador da arte da Faculdade de Letras do Porto, já desaparecido, que organizou, prefaciou e anotou com notável escrupulo aquela edição tão importante, tendo contado com a colaboração de Fernando Lanhas no arranjo da iconografia que valoriza o primeiro volume.

O “Prefácio”, de 41 páginas, da autoria de Flávio Gonçalves, onde se multiplicam dezenas de notas de pé de página, todas notavelmente eruditas e relevantes, é um texto fundamental na historiografia dos interesses etnográficos em Portugal. Este prefácio foi salvaguardado com critério na reedição feita em 1990 na colecção “Portugal de Perto” de uma parte daquelas Obras, correspondendo exactamente ao primeiro dos três volumes, agora designado sob o título Etnografia Portuguesa.

Na edição de 1990 – com certeza que por razões económicas – surgiu amesquinhado, por uma impressão de má qualidade e de tamanho reduzido, o conjunto iconográfico que tinha sido arranjado por mão de mestre em 1967, como já ficou dito. Aqui cruzamo-nos, então, com a faceta menos conhecida do trabalho do etnógrafo importante que foi Rocha Peixoto: os resultados ainda praticamente inéditos da sua intensa actividade fotográfica. Estas imagens justificarão que em seu torno se faça um ensaio capaz e uma edição cuidada, um trabalho inteiramente justificado numa época em que há uma facilidade enorme em publicar “coffee table books” e quando, em simultâneo, se vai naturalizando o nome e a prática da “antropologia visual”.

Como fica apontado por este texto pequenino e aparentemente bizarro – e como sugerem outros apontamentos avulsos dispersos no conjunto das suas Obras –, para além de ter sido fotógrafo em todos os “lugares remotos” do norte do país, Rocha Peixoto manteve preocupações teóricas e práticas face ao regime de circulação das imagens, muito acelerado

A. A. Rocha Peixoto

¹ [Nota de Flávio Gonçalves à edição de 1975 deste texto, que surge nas páginas 401-403 das Obras. Volume III. Primeiras Intervenções na Imprensa. Catálogos, Relatórios e Textos Afins. Antropologia e Arqueologia. Notícias e Comentários. Notas bio-bibliográficas. Críticas e Recensões. Polémicas, Edição da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1975.] Texto inédito até agora, cujo original manuscrito se encontra actualmente no espólio Rocha Peixoto, na Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim.

O original está editado R. P. e, pela caligrafia, mostra pertencer, sem sombras de dúvida, à mão de Rocha Peixoto {Vide est. VIII deste vol. III das suas OBRAS}. Destinado talvez à revista *Portugália* – o manuscrito contém, até, indicações para o compositor – este texto não chegou, contudo, a ser publicado, provavelmente por falta de espaço no número que seria o último da revista (saído em 7 de Setembro de 1908).

pelas novas técnicas de reprodução mecânica surgidas no século XIX e popularizadas durante a vida do autor. É verdade que, quando perspectivamos o percurso dos interesses etnográficos em Portugal, desde há mais de um século, podemos perceber que a produção de imagens – de alegorias textuais que monumentalizaram alguns lugares, mas também de fotografias, de desenhos, de gravuras, de filmes, ou de postais ilustrados, como agora sugere o nosso autor – foi parte muito saliente desta empresa multiforme. Nestas duas páginas, damos conta da lucidez com que Peixoto equaciona as fotografias que imaginam as pessoas e os lugares – mesmo aquelas mais comerciais, mais mercenárias – como documentos em construção. Sugere com clareza que a prazo, afinal, qualquer destes “depoimentos icónicos” se pode impor como facto social a ter em conta. Ironicamente, se atendermos à sua actividade de fotógrafo andarilho, percebemos que até hoje a nenhuma das suas fotografias “naturalistas” de montanhesees foi atribuída pertinência sociológica.

António Medeiros

Na já copiosa série de postais portugueses ilustrados que progressivamente têm inundado os mercados da livraria e da curiosidade avultam os referentes às antiguidades nacionais e aos costumes populares. É, pois, um novo depoimento icónico que surge e triunfa, mercê do preço acessível, da novidade e até da moda. Graficamente não poucos são excelentes e nomeadamente os monocromáticos. Cumpre distinguir, todavia, nos de assunto etnográfico, os que reproduzem fielmente cenas, costumes e arquitectura dos que sacrificam a realidade em nome duma presumida estética amaneirada e pueril. Um bom senso elementar, porém, logo aparta os habituais episódios sempre ridículos e sempre vivazes: a menina cismadora ao pé da cruz, o idílio à ré, os devaneios no chafariz, a camponesa desfolhando malmequeres e outras amorudas facécias...

Temos pois que contar com mais estes proveitosos documentos e não deixar fugir o ensejo de aquisição sempre que as novas séries apareçam, uma vez que – e já se anotam precedentes – as edições nem sempre perduram ou se renovam. Um inconveniente, porém, aliás ponderado já lá fora, dimana da dificuldade em conhecer-se todas as séries que se oferecem ao consumo. Daqui resulta, não se precavendo cada qual com frequentes exames nos mostruários, e principalmente nas três principais cidades do país, escaparem números de muito apreço. É o caso, por exemplo, da interessante série da Estrela, editada com outras da cidade, pela Papelaria Borges, de Coimbra; é ainda, para o sul, as variadas e numerosas séries do editor Batalha, no Porto,

Alberto Ferreira; é, a mais, para o norte, a abundante colectânea do editor de Lisboa, F. A. Martins. Além destes e ainda dos de Malva & Roque, Paulo Guedes e Saraiva e “Estrela”, de Lisboa, Araújo & Sobrinho, Arnaldo Soares, E. Biel e Fabri, Porto, numerosos editores, entre séries mais ou menos alheias ao quadro que aqui importa, lançam à venda alguns espécimens que convém não desconhecer ou rejeitar. Com a ânsia da novidade, a concorrência e as facilidades da fotografia e da gravura, a verdade é que já se buscam os assuntos ilustrativos em recessos até há pouco inacessíveis mesmo aos indigadores mais desvelados. É lícito presumir que, alguns anos volvidos, raro será o monumento ou o tipo regional que não se registre na curiosa e baratíssima galeria dos bilhetes postais ilustrados.

Na Espanha já hoje esta documentação iconográfica é vastíssima e excede mesmo as presunções mais arrojadas. Não falando já nos que reproduzem os monumentos e costumes das suas grandes cidades de arte – há centenas só referentes a Toledo – não incluindo mesmo as cidades menores como, na Catalunha, Gerona e Tarragona, não mencionando ainda as pequenas vilas desde a Andaluzia à Galiza, os trajes galegos, leoneses, asturianos ou aragoneses, os costumes, as danças, as romarias, as feiras, os monumentos, individualmente pormenorizados, as galerias de arte, os vários aspectos e objectos de um só museu constituem séries riquíssimas de informação e registo iconológico.

Para a França o sr. J. Déchelette já bibliografou 188 números referentes aos museus romanos do seu país, num catálogo exarado a págs. 329-35 do tomo VII da *Revue Archéologique*, indo assim na esteira do desejo exarado pelo sr. E. Cartailhac, a propósito dos megálitos franceses, figurados em postais, a pág. 120 do tomo XVI de *Anthropologie*. Numa introdução acentua o ilustre director do Museu de Roanne, e muito bem, que o postal ilustrado constitui um novo domínio bibliográfico a explorar. De resto, já como vulgarização, já como reclame, os mesmos arqueólogos franceses promovem edições da especialidade, como, por exemplo, as das excursões do *Congrès Préhistorique de France*.

Mas melhor que todas, sob o ponto de vista científico, é a série *Pro Alesia*, de que conhecemos 8 dezenas, e nas quais os aspectos das escavações, as plantas das zonas a descoberto, as muralhas, a via romana, os vários pormenores arquitectónicos do teatro e do templo galo-romano, os sarcófagos, os baixo-relevos, as estátuas, os bustos, as pratas, os bronzes, as armas, a cerâmica, as moedas e tudo o que arqueológica e historicamente interessa à exploração de Alésia é figurado e brevemente etiquetado... quase como no Atlas complementar duma Memória!

